

Uma jornada pela confecção de um ex-líbris indigenista

Rodrigo Piquet Saboia de Mello
Doutor em Ciência da Informação pelo IBICT
Indigenista Especializado da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

Resumo:

Após anos de um percurso entre os livros e dos eventos informacionais no âmbito acadêmico e técnico-profissional indigenista, este autor teve por iniciativa tratar em evento o que há anos vinha considerando: a confecção do seu próprio ex-líbris. Após muito pesquisar e entrar em contato com a bibliotecária especialista em ex-líbris, Mary Komatsu, tive a oportunidade de conhecer o trabalho do artista André De Miranda. Sendo assim, este artigo versará sobre algumas questões como a plumária Urubu-Kaapor, inspiração para o meu ex-líbris, o universo ex-librista na literatura encontrada na Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a minha relação com o artista André De Miranda. Esta parceria resultou em diversas conversas, remotas e no ateliê do próprio artista, assim como em discussões do andamento da arte em si até o desenlace final.

Palavras-chave: Ex-líbris. Marcas de proveniência. Biografia.

A journey through the making of an indigenist ex-líbris

Abstract:

After years of traveling between books and informational events in the academic and technical-professional field of indigenism, this author took the initiative to address in an event what he had been considering for years: the making of his own ex-líbris. After a lot of research and contacting the librarian specializing in ex-líbris, Mary Komatsu, I had the opportunity to get to know the work of the artist André De Miranda. Therefore, this article will deal with issues such as the Urubu-Kaapor feather, inspiration for my ex-líbris, the ex-librist universe in the literature found at the Fundação Biblioteca Nacional (FBN) and my relationship with the artist André De Miranda. This partnership resulted in several conversations, remote and in the artist's own studio, as well as discussions on the progress of the art itself until the final outcome.

Keywords: Ex-líbris. Provenance marks. Biography.

1. Os Urubu-Kaapor e sua plumária



A matriz do ex-líbris de Rodrigo Piquet. Prancha de Georgette Dumas. In: RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta Gleizer. Arte plumária dos índios Kaapor. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Museu do Índio, 1957. p. 115.

Na primeira seção deste artigo científico, faremos uma breve discussão acerca do povo indígena Urubu-Kaapor e sua plumária, visto que tais elementos foram preponderantes para a idealização e confecção do ex-líbris¹ do autor deste trabalho. Outro ponto a ser destacado neste prolegômeno é que este trabalho não tem a menor pretensão de ser um estudo inovador sobre os ex-líbris, porém sim elucidar sentimentos despertados quando da criação do seu próprio ex-líbris.

Na imagem que destaca o *caput* desta seção, temos um colar emplumado da coleção Urubu-Kaapor do Museu do Índio (MI). Segundo Berta Ribeiro (1988, p. 117), sua definição é “ornato plumário usado à volta do pescoço, repousando sobre o colo.” Este elemento artístico foi descrito no importante trabalho de Berta Ribeiro denominado “Dicionário do Artesanato Indígena” (1988).

Ainda sobre Berta Ribeiro e seu dicionário, cabe frisar o pioneirismo desta importante pesquisadora. Primeiro pela publicação primorosa do livro “Arte plumária dos índios Kaapor” (1957), em parceria com o então marido e antropólogo Darcy Ribeiro, sendo a primeira publicação celebrada pelo Museu do Índio. Segundo, pelo magnanimo dicionário, que “representou um marco para a documentação das peças museológicas de natureza etnológica.” (MELLO, 2018)

O povo indígena Urubu-Kaapor porta uma relação de conflito e violência desde o século XV (HUXLEY, 1957). A partir do final do século XIX e início do século XX se inicia uma relação mais constante com a chamada civilização, sendo que o processo de pacificação ocorreu no ano de 1928. No tempo atual:

¹ No Aurélio (1999) a grafia é “ex-líbris”. (BERTINAZZO, 2012, p. 28)

O povo indígena Urubu-Kaapor é um grupo que se localiza atualmente na Terra Indígena Alto Turiaçu, uma região de divisa entre o Estado do Pará e do Maranhão. O demarcador demográfico entre os dois Estados é o rio Gurupi, que divide a região de outro povo indígena: os Tembé, que habitam a Terra Indígena Alto Rio Guamá. (MELLO, 2018, p. [2])

Um dos elementos do artesanato indígena que mais se destacam dos Urubu-Kaapor é exatamente a sua plumária, pelo seu viés estético e pela importância que este confeccionar indígena corresponde no Museu do Índio. Isto porque foram feitas duas expedições científicas no início da década de 1950 que hoje se encontram custodiadas pelo MI. (MELLO, 2015)

Segundo Ribeiro (1957), o colar emplumado é intitulado como um Tukaniwar, sendo um colar feminino dos mais raros que aparece em apenas uma coleção. Seguindo esta reflexão: “Neste sentido ele exprime a liberdade de experimentação estética que mesmo no nível tribal é responsável pelo aparecimento de padrões novos.” (p. [114])

Outra reflexão de importância apontada por Ribeiro (1957) é que a plumária, dentre as habilidades apresentadas pelos povos indígenas brasileiros, seria uma operação “mais eminentemente artísticas dos nossos índios, aquela em que revelam os mais elaborados impulsos estéticos e mais vigorosas características de criação própria e singular.” (p. 12)

Fora a beleza do ornamento plumário dos Urubu-Kaapor, este povo carrega um importante marco histórico. Segundo Darcy Ribeiro (1996) em função da língua indígena falada por este povo indígena, o tupi, eles “bem podem ser remanescentes daqueles Tupinambá que, depois das primeiras décadas de contato mortífero com a civilização, se afundaram mata adentro para sobreviver.” (1996, p. 18)

Ou seja, os Tupinambá que residiram próximos ao litoral brasileiro foram sendo desterrados ao longo do tempo para o interior do Brasil, até chegarem a um refúgio mais seguro que era a Floresta Amazônica. Tamanho deslocamento é fruto da relação assimétrica dos povos nativos com a entrada dos europeus em território americano, seja pelo uso da violência, seja também pelas doenças trazidas do Velho Continente.

Portanto, nada mais justo que na busca pelo ex-líbris de matriz indigenista² e a demanda por um labutar artístico, se procurasse o que existisse de maior requinte e artístico entre os povos indígenas. A partir de minha experiência documental e em terra indígena, tinha a certeza que o caminho de uma obra artística do quilate de um ex-líbris

² Brevemente, vejamos uma problematização de indigenismo: “O indigenismo pode ser entendido principalmente de acordo com dois pontos de vista sobre a realidade dos povos indígenas. O primeiro se refere a uma ideologia ou forma de pensamento que procurou construir todo um corpo de procedimentos/recomendações para o trato deste segmento da população, que foi considerada a vítima no encontro entre o mundo ocidental e o novo mundo. O segundo se refere a uma práxis de governo, isto é, um processo pelo qual a ideologia indigenista foi executada ou praticada, principalmente como uma política pública que procurou sua incorporação nas pautas nacionais do desenvolvimento.” (AGUILAR, 2009, p. 160)

deveria perpassar pelo artigo plumário.

Interessante também anotar que a atenção despertada pela plumária é de muitas gerações outrora. Na verdade, desde o intitulado descobrimento do Brasil, os portugueses já haviam se atentado para importância deste praticar artístico pelos povos indígenas. Como ensinado por Dorta (2000, p. 35): “As primeiras referências documentais sobre a arte plumária reportam-se à Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal em 1500, por ocasião da chegada de Pedro Álvares Cabral em terras da Bahia.”

2. Uma discussão ex-librista na coleção iconográfica da Fundação Biblioteca Nacional (FBN)



Os ex-libris de Rodrigo Piquet secando no varal. Fotografia digital de André De Miranda. 2022.

Como noviço no campo ex-librista, tinha a necessidade de obter uma literatura acerca evidentemente dos ex-líbris. Duas indicações foram fundamentais para acessar a bibliografia: o site Caçadora de Ex-líbris³ de Mary Komatsu e o próprio artista André De Miranda. Desta maneira, não tive dúvidas em me dirigir a maior coleção bibliográfica da América Latina e depositário legal do acervo bibliográfico nacional: a Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

Chegando a FBN em 15 de julho de 2022, fiquei admirado com o controle de acesso a instituição. Não como uma crítica negativa, mas sim positiva, visto os históricos furtos ocorridos em nossas instituições de memória brasileira e os casos recentes de violência urbana dentro de bibliotecas públicas na cidade do Rio de Janeiro.

A servidora da Biblioteca Nacional que me recebeu foi Tatiane Paiva, do Setor de Iconografia (Seico). De modo cortês, fui apresentado às obras que já haviam sido previamente consultadas pelo catálogo em linha da instituição, o Sophia. Também tive a grata surpresa de reencontrar a bibliotecária Andréa Barboza, também servidora da FBN e

³ <https://www.cacadora.deexlibris.com/>

colega da Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro (REDARTE/RJ) como sócia colaboradora.

O primeiro livro que consultei foi o “Livro dos Ex-Líbris”, de organização de Alberto da Costa e Silva e Anselmo Maciel, obra esta com dedicatória do próprio Anselmo datado de 25.04.2016. O livro é uma coletânea de artigos de admiradores e estudiosos do ex-librismo. De relance, me chamou a atenção do artigo de Luiz Felipe Stelling: por meio de André De Miranda, Luiz entrou em contato comigo para pedir autorização de uso do meu ex-líbris em um artigo em escrita até o momento.

Quanto a esta primeira obra, me chamou a atenção uma espécie de ode ao ex-líbris por Ubiratan Machado:

O ex-líbris nasceu do mais enganoso de todos os sentimentos, o sentimento de posse, mas também como uma declaração de amor ao livro. Amor e engano, uma pontinha de vaidade. [...] sua excelência assumiu, ao longo dos milênios, as mais diversas formas, até a atual, criada no século XV: uma pequena gravura para se colar na contracapa ou na guarda dos livros. (MACHADO, 2014 p. 9)

Para além da estética ex-librista, é possível também atentar, como mencionado por Machado (2014), para uma psicologia do ex-líbris. Vaidade, poder, visibilidade seriam bons adjetivos que fazem um elemento poderoso da natureza humana emergir da criação da marca de proveniência em discussão: o desejo, elemento tão elementar a psicanálise.

Ainda no artigo em evidência, a explicação para o significado de ex-líbris: “em sentido abrangente, significa a marca de posse de um livro, expressa através de assinatura, carimbo, etiqueta ou outro meio qualquer.” (2014, p. 11). Ou seja, é a materialização da relação do colecionador com a sua coleção, precisando assim de uma marca de identidade que faça alguma alusão à vida ou ao próprio sentido de organização de um indivíduo. Por fim, já em Stelling: “em sentido estrito, ex-líbris é um impresso utilitário, para ser fixado (colado ou encadernado) no interior de um livro, com o objetivo de identificar o seu dono.” (2014, p. 174)

Em meu caminhar pelo mundo bibliográfico dos ex-líbris e ainda no Setor de Iconografia da Fundação Biblioteca Nacional, me deparei com uma obra que parece ser um, como era chamado, livro texto do campo de conhecimento em estudo: “O ex libris (ensaio)” de Manuel Esteves⁴. Como significado, este autor detém esta definição: “O EX LIBRIS, colado em um livro de uma biblioteca qualquer representa, por assim, dizer, verdadeiro título de propriedade” (1954, p. 19)

Quanto ao possível ineditismo do livro em tela e a escassa literatura acerca do assunto em *terra brasilis*, o próprio autor destaca: “Não sabemos se já houve alguém que tivesse escrito um livro tal qual escrevemos o nosso” (1954, p. 13). Importante também

⁴ Manoel Esteves é autor do primeiro livro que trata sobre os ex-líbris no Brasil. Tendo a primeira edição em 1954 e a reedição em 1956. A edição encontra-se esgotada, sendo referência e um clássico para os estudiosos sobre o assunto. (KOMATSU, 2020)

digredir que Manuel Esteves relata que desde 1946 vinha escrevendo em periódicos cariocas sobre marcas bibliográficas pouco afeitas ao grande público. Mesmo não sendo conhecedor da área e também sem saber se há literatura sobre a peculiar temática, seria interessante pesquisar sobre o assunto, usufruindo da excelente hemeroteca digital da própria Biblioteca Nacional.

Cabe ressaltar que, em seguida, o autor faz uma jocosa menção ao ex-líbris como um documento que tem “fôrça de escritura pública”. Sem querer adentrar, imaginem, a seara jurídica e ao mundo do Direito, porém afirmo que os livros não se comunicam com qualquer matrimônio, ainda mais sendo os livros instrumentos de trabalho (BRASIL, Art. 1659, V). Como diz Pablo Font de Rubinat (ESTEVEES, 1954, p. 12): “Los ex libris en los tribunales”.

Peço desculpas à brejeira digressão jurídica acerca dos livros, porém vamos em frente. Esteves (1954) também, como outros autores, aborda a origem etimológica do ex-líbris: “As duas palavras latinas, hoje, já bem conhecidas, têm, em português, o significado: ‘dos livros’, ‘dentre os livros’”. (p. 20)

A última obra consultada na Biblioteca Nacional foi por indicação do próprio artista André De Miranda, intitulada por ele como “um livro básico e maravilhoso” (MIRANDA, 2022). O nome da obra é “Ex libris: pequeno objeto de desejo” de Stella Maris de Figueiredo Bertinazzo. Segundo esta autora:

O ex libris foi criado para oficializar o enorme apreço da humanidade pelo livro, enobrecendo-o. O sentido de posse evidenciado no ex libris agrega ao valor espiritual (ou intelectual) do livro o valor material: o livro é um bem. E esse patrimônio fica ainda mais prestigiado pelas qualidades estéticas da Gravura, técnica na qual, originalmente, foram executados os ex libris. (2012, p. 40)

Nesta passagem, se faz presente à discussão da técnica a ser utilizada pelo artista que confeccionará o ex-líbris. No caso, a autora chama a atenção para a gravura como arte gênese do ex-líbris. Assim, a obra ganharia uma notoriedade maior, em função da sofisticação e técnica utilizada pelo artista contratado pelo futuro dono da marca de proveniência bibliográfica.

Por fim, no fechar das cortinas deste artigo tenho uma grata descoberta: fui convidado por Mary Komatsu a participar do GRUPO EX-LIBRIS BRASIL que conta hoje com 26 participantes. Numa de nossas prosas, André De Miranda apresenta o raro catálogo da 1ª Exposição Municipal de Ex Libris da então Prefeitura do Distrito Federal que está (va) em leilão. Após um breve colóquio, o nosso colega Eduardo Rivera Palmeira Filho teve uma atitude generosa de digitalizar o seu exemplar e colocá-lo a disposição. Desta maneira, vejamos aqui a última definição de ex-líbris do já citado raro catálogo neste artigo:

Criado primeiro com os nomes de insignia, ex bibliotheca e ex dono, ficou, por

fim, universalmente conhecido e consagrado pela denominação latina *ex libris*, que significa: dos livros. É ele uma marca própria usada por Bibliotecas e por quem possui livros, que atesta a propriedade dos mesmos. (PREFEITURA, 1949, p. 13)

3. O artista André De Miranda e a relação com o dono do ex-líbris



O artista André De Miranda em seu ateliê com o dono do ex-líbris e seu filho, João Piquet. Fotografia digital de Lígia Piquet. 2022.

Na fotografia que inicia esta seção, é visível o contentamento do dono do ex-líbris ao vê-lo pela primeira vez ao lado do seu filho. Em tela, junto ao artista, é possível vislumbrar o ex-libris número 1, já emoldurado. Vejamos a ficha técnica da obra de arte:

Título: “EX-LIBRIS RODRIGO PIQUET”

Técnica: xilogravura (matriz de MDF)

Tipo de papel: japonês Wenzou 80g.

Tipo de tinta: Caligo Safe Wash - cor: Carbazole Violet

Dimensões da imagem: 20 x 15 cm

Data da execução: junho de 2022

Foram feitos 23 exemplares assinados, numerados, uma prova de artista (P.A.), assinada e emoldurada.

Quanto ao conceito de ex-líbris, André de Miranda, além da sugestão de Bertinazzo (2012), também concedeu gentilmente algumas publicações em seu ateliê para consulta. Uma das obras que foram possíveis de serem apreciadas foi Faria e Pericão (2008), que elenca também uma conceituação de ex-líbris: “literalmente, é uma expressão latina que significa *dos livros de*. O ex-libris serve para designar toda menção de posse de um livro. Pode ser manuscrito e figurar em qualquer lugar do livro.” (p. 321). Outra obra, esta rara, que tive acesso foi Martins Filho (Organização) (2008).

A partir deste momento, vou relatar como se deu a aproximação do autor deste

artigo com o artista. O primeiro contato ocorreu por meio telefônico, talvez ainda no ano de 2020. Por questões pessoais e em conjunto com o ataque epidêmico planetário da COVID-19, tivemos que adiar o nosso encontro algumas vezes. Após algum tempo, retomamos nossa conversa, por meio de interessante documento elaborado pelo artista: o “Pequeno questionário para confecção de Ex Libris”. Este recurso é muito interessante, pois consegue captar gostos e interesses do ex-líbris vindouro. Dentre as perguntas interessantes, temos: “Qual símbolo você acha que se identifica?” e “Gostaria que tivesse alguma frase ou como chamamos, alguma divisa?”.

Após responder ao questionário, enviei algumas imagens de plumárias dos Urubu-Kaapor para começarmos a elaborar o que seria o ex-líbris. Portanto, a alma da marca de proveniência bibliográfica estaria começando a ganhar um contorno do que viria a ser a partir das ideias iniciais travadas remotamente, não se esquecendo de que ainda estávamos em isolamento social por causa da pandemia.

Finalmente após diversos contatos telefônicos, por correio eletrônico e mensagens instantâneas por telefone celular, nos reunimos em seu ateliê no bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro encontro foi aprazível, uma conversa transversal sobre arte, samba, religiosidade e, evidentemente, o futuro ex-líbris. Pude, *in loco*, entender o fazer artístico, que André De Miranda, diga-se de passagem, teve a paciência de me explicar, mais especificamente ao trabalho com madeira, a Xilografia.

Quanto propriamente ao processo artístico, especificamente a técnica xilográfica, impende o seguinte pronunciar:

A xilografia foi a primeira das gravuras. É também conhecida por gravura em relevo, pois, em suas duas maneiras tradicionais - a xilografia de fio [il. 11] e aquela de topo -, a tinta gráfica é espalhada na superfície da matriz gravada, com um rolo especial de couro ou borracha, para depois passar ao papel quando pressionada pelo *baren*, por uma prensa tipográfica, pelo prelo ou outros instrumentos menos ortodoxos, como uma colher de pau ou um seixo rolado. As partes gravadas ficam da cor do papel, em branco, pois não recebem tinta. (BERTINAZZO, 2012, p. 44)

André De Miranda é um renomado artista que possui habilidades múltiplas no campo das artes. A pouco, foi o curador da 2ª Mostra Internacional de Ex-líbris (MUSEU, 2022), que aconteceu no Museu de Arte de Blumenau (MAB). Ainda na trilha de sua biografia:

André De Miranda (André Luiz Pinto de Miranda) Rio de Janeiro, RJ, 1957 Brasil.

Trabalha e reside no Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Gravador, pintor, desenhista, ilustrador e arte educador. Iniciou sua atividade artística em 1975, no Rio de Janeiro. Estudou desenho e pintura com Jemile Diban e Maria Cecília de Castro Pinto, xilogravura com Ciro Fernandes, Marcelo Soares, J. Borges e Anna Carolina, e gravura em metal com Marcelo Frazão e Heloísa Pires Ferreira. Estudou Desenho de Artes Gráficas e Desenho de Propaganda no SENAI/RJ. Já realizou mais de 120 exposições individuais e coletivas tanto no Brasil como no Exterior. Recebeu diversos prêmios ao longo de sua carreira, entre os principais: 2011 – Menção Especial na 5ª Bienal de Gravura Olho Latino, 2004 – 9º Premi Internacional de Grabado – Premi el Caliu 2004 – Olot, Espanha, 2003 – 8º

Premi Internacional de Grabado – Premi el Caliu 2003 – Olot, Espanha – (premio aquisitivo). Possui obras em importantes acervos de museus no Brasil e dos seguintes países: Suécia, Macedônia, Japão, Romênia, China, Itália, França, Espanha, Argentina, Bulgária e EUA. e-mail: mirandart@gmail.com (TORQUATO, 2012)

Como afirma Bodmer (2014, p. 141): “Quem quiser ter o seu próprio ex-líbris terá primeiro que imaginá-lo, e depois procurar um artista para criá-lo”. Neste mesmo diapasão, Manuel Esteves (1954) ratifica que: “Quem desejar possuir um ex libris para marcar os livros da sua biblioteca terá, primeiro que imaginá-lo”. (p. 103). Foi exatamente o que eu fiz: por participar como representante da Biblioteca Marechal Rondon do Museu do Índio/FUNAI na REDARTE, pude ter o grato encontro com Mary Komatsu, bibliotecária e administradora do canal Caçadora de Ex-líbris. Assim, começamos a conversar sobre o desejo de ter um ex-líbris de minha propriedade. Nestas conversas amistosas, acabamos por chegar ao encontro do nobre artista, André De Miranda. Ainda sobre a busca do artista:

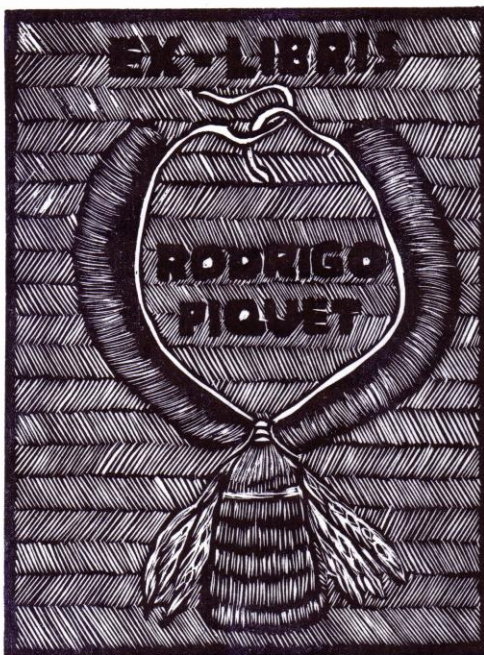
Embora bons ex-líbris tenham sido executados pelos próprios donos, é mais comum que se procurem artistas com experiência, os quais se definirão por um dos seguintes principais processos: zincografia, buril, xilogravura ou água-forte. Se por um lado há os que executam os trabalhos sozinhos, de outra parte, há os que deixam tudo para o artista - criação e execução - o que também não é coerente. (BEZERRA, 2006 p. 137)

Tinha em mente que na qualidade de indigenista, o ex-líbris deveria, claro, conter algum elemento que representasse a riqueza da cultura indígena, como a plumária e, principalmente, alguma na qual este que escreve tivesse alguma relação ou afinidade. Como tive por rito de passagem profissional na FUNAI a presença na Floresta Amazônica com o povo indígena Tembé e Urubu-Kaapor, nada mais que um adereço já admirado por antropólogos de tempo pretérito, como Darcy Ribeiro (1996) Francis Huxley (1963). Ainda quanto à personalidade:

O ícone bibliográfico se diferencia de outros símbolos por ser uma marca gráfica e por ter conservado o costume de evidenciar a personalidade de seu utente, não exatamente a do seu criador, advindo da heráldica, com maior ênfase ainda, adaptando essa peculiaridade a qualquer tema, não só ao armoriado. (BERTINAZZO, 2012, p. 33)

Como já destacado, o traço da personalidade é uma das principais condições da construção de um ex-líbris. Conforme já explicitado por este autor em outro texto, o ex-líbris foi “[...] ilustrado por um colar emplumado que remete a um coração e os laços como cobras se cruzando.” (MELLO, 2022). Assim, o ícone bibliográfico demonstra o amor que este autor tem pelos povos indígenas e as cobras simbolizando a aventura que foram os tempos de trabalho na Floresta Amazônica.

Conclusão



Ex-libris de Rodrigo Piquet. 2022.

Como conclusão, há algumas pistas a serem desveladas: em primeiro lugar, trazer a plumária Urubu-Kaapor para, em seguida, introduzir uma breve história do ex-líbris para a História do Livro. Em seguida, demonstrar o cerzir entre o artista e o idealizador da obra, demonstrando as (a) venturas da confecção da obra em si. Por fim, expor o significado e a simbologia do produto final do ex-líbris como um traço biográfico do autor. Como citado por Mattos (1931, p. [3]): “<... pela leitura da legenda de um ex-libris podemos fazer a psicologia do seu possuidor.> A. Forjaz de Sampaio.”

Logo após o raiar da arte, foi feito um breve depoimento do proprietário sobre o seu ex-líbris (MELLO, 2022a). É destaque o meu entrelaçar do mundo da Biblioteconomia com o Indigenismo, fruto dos anos de exercício profissional indigenista na FUNAI e no universo bibliotecário.

Importante ainda sobressair que em minha senda indigenista (MELLO, 2022b), tive uma oportunidade especial: como documentalista do acervo iconográfico do Museu do Índio, pude como indigenista da FUNAI trabalhar com os mesmos povos que tinha contato pelas imagens nos acervos. O significado de tamanha odisséia ficou adscrito em minha pessoa, sendo que a admiração pelos povos indígenas apenas se avolumou ao longo dos tempos.

No dia da entrega do ex-líbris, sendo o número 1 emoldurado, foi um momento de muita emoção. Acompanhado da minha esposa Lígia e do meu filho João Piquet, conforme registro fotográfico que abre a seção 3 deste artigo, tive o encontro feliz que arrematou o desejo ex-libriano com a concretização da obra de arte, que intitulei como

uma jornada pela confecção de um ex-líbris indigenista.

Por fim, o ex-líbris é exatamente o resultar anos mais tarde, com o fundamental trabalho artístico de André De Miranda de perenizar, quem sabe para as gerações futuras, um pouco da arte indígena dos povos indígenas brasileiros e da importância do ex-líbris para o universo dos livros.

Referências

AGUILAR, Alejandra. O indigenismo na era da informação. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 158-191, ago. 2009.

BERTINAZZO, Stella Maris de Figueiredo. **Ex libris**: pequeno objeto de desejo. Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília, 2012.

BEZERRA, José Augusto. Ex-Líbris: A marca de propriedade do livro. **Revista do Instituto do Ceará**, Tomo CXX, n. 120, 2006. p. 129-144.

BODMER, Paulo. Pesquisa e conhecimento do ex-líbris no Brasil e em Portugal. *In*: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (Organizadores). **Livro dos ex-libris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014. p. 141-143.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 8, p. 1-74, 11 jan. 2002. PL 634/1975.

DORTA, Sonia Ferrato. Situando a plumária. *In*: DORTA, Sonia Ferraro; CURY, Marília Xavier. **A Plumária Indígena Brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; MAE/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. p. 33-38.

DORTA, Sonia Ferraro; CURY, Marília Xavier. **A Plumária Indígena Brasileira no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; MAE/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

ESTEVES, Manuel. **O ex libris (ensaio)**. Rio de Janeiro: Editora Grafica Laemmert Limitada, 1954.

EX-líbris de Rodrigo Piquet. 2022. 1 imagem digital. Disponível em: https://static.wixstatic.com/media/03d273_324f822a127a4b6faa41620f8467504d~mv2.jpg/v1/fill/w_360,h_450,al_c,q_90/03d273_324f822a127a4b6faa41620f8467504d~mv2.webp. Acesso em: 10 ago. 2022.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HUXLEY, Francis. **Selvagens amáveis**: (um antropologista entre os índios urubus do Brasil). São Paulo: Nacional, 1963.

KOMATSU, Mary. **Manoel Esteves e seu ex-líbris**. Disponível em: <https://www.cacadoradeexlibris.com/post/manoel-esteves-e-seu-ex-l%C3%ADbris>. Acesso em: 10 ago. 2022.

- MARTINS FILHO, Plínio (Organização). **Ex-Libris**. Cotia, Ateliê editorial, 2008.
- MACHADO, Ubiratan. Sua excelência, o ex-líbris. *In*: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (Organizadores). **Livro dos ex-libris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014. p. 9-75.
- MATTOS, Armando de. **A psicologia do <ex-libris>**. Lisboa: Edição da Miscelânea, 1931. 1 Microfilme.
- MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. Arte indígena nos livros de Berta Ribeiro: uma sintética discussão na coleção da Biblioteca Marechal Rondon. *In*: 6º SEMINÁRIO DE INFORMAÇÃO EM ARTE, 6., Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Instituto Cervantes, 2018. p. [1-11].
- MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. **Um olhar classificatório do acervo imagético das expedições científicas de Darcy Ribeiro aos índios Urubu-Kaapor no Museu do Índio na identificação de elementos da cultura indígena e da diversidade étnica-cultural brasileira**. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. **Pela busca do meu ex-líbris de origem indigenista**. Disponível em: <https://www.cacadoradeexlibris.com/post/pela-busca-do-meu-ex-%C3%ADbris-de-origem-indigenista>. Acesso em: 10 ago. 2022a.
- MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. **Uma odisseia acadêmica: a senda indigenista/informacional pelo PPGCI IBICT**. Coletânea PPGCI 50 anos, 2022b. [No prelo].
- MELLO, Rodrigo Piquet Saboia de. O registro fotográfico de Darcy Ribeiro sobre o povo indígena Urubu-Kaapor. **Revista Photo & Documento**, v. 5, p. [1-15], 2018.
- MIRANDA, De André. **Os ex-líbris de Rodrigo Piquet secando no varal**. 2022. 1 fotografia digital.
- MIRANDA, De André. **[Mensagem por meio de dispositivo eletrônico com a indicação de obras sobre ex-líbris]**. Destinatário: Rodrigo Piquet Saboia de Mello. Rio de Janeiro, 12 jul. 2022. 1 mensagem eletrônica.
- MIRANDA, De André. **Pequeno questionário para confecção de Ex Libris**. Formato eletrônico em *word*.
- MUSEU de Arte de Blumenau. Ex-líbris: marca de uma identidade – 2ª mostra internacional. Blumenau: Museu de Arte de Blumenau, 2022.
- PIQUET, Lígia. **O artista André De Miranda em seu ateliê com o dono do ex-líbris e seu filho, João Piquet**. 2022. 1 fotografia digital.
- PRANCHA de Georgette Dumas. *In*: RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta Gleizer. **Arte plumária dos índios Kaapor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Museu do Índio, 1957. p. 115.
- PREFEITURA do Distrito Federal. Secretaria Geral de Educação e Cultura. 1ª Exposição Municipal de Ex libris - catalogo. Rio de Janeiro: [S.n.], 1949.

RIBEIRO, Berta. **Dicionário do Artesanato Indígena**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. Com dedicatória da autora.

RIBEIRO, Darcy; RIBEIRO, Berta Gleizer. **Arte plumária dos índios Kaapor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Museu do Índio, 1957.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios**: os Urubus-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Com dedicatória para o autor deste artigo da bibliotecária Maria de Pompéia Araújo Lima, primeira bibliotecária Chefe da Biblioteca Marechal Rondon.

SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (Organizadores). **Livro dos ex-libris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014. Com dedicatória de Anselmo Maciel.

STELLING, Luiz Felipe. Ex-líbris como objeto de estudo e coleção. *In*: SILVA, Alberto da Costa e; MACIEL, Anselmo (Organizadores). **Livro dos ex-libris**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014. p. 174-177.

TORQUATO, Stélio. **Primas em cordel**: versões rimadas de 12 clássicos de literatura universal. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. Ilustrações André De Miranda. Com dedicatória de André De Miranda para o autor deste artigo.